

RONALD DE CARVALHO

RABELAIS E O RISO DO
RENASCIMENTO

RIO DE JANEIRO
1931

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

**RABELAIS E O RISO DO
RENASCIMENTO**

TIRARAM-SE DESTE LIVRO 500 EXEM-
PLARES, EM PAPEL MANCHESTER,
NUMERADOS E RUBRICADOS
PELO AUTOR.

EXEMPLAR N.º 91

Ronald de Carvalho

RONALD DE CARVALHO

**RABELAIS E O RISO DO
RENASCIMENTO**

**RIO DE JANEIRO
1981**

**MESSIRE FRANÇOIS
RABELAIS**

MESSIRE François Rabelais, pae espantoso de Grandgousier e Gargamelle, de Gargantua e Badebec, de Pantagruel e de Panurge, burguez malicioso de Chinon, «*ville insigne, ville noble, ville antique, voyre première du monde*», nasceu ao pé de um desses enormes fogões de pedra e faiança, que alumiam, com a brasa das pesadas achas de carvalho ou pinheiro resinoso, as cozinhas das hospedarias do século xv. Seus olhos se abriram numa daquellas amplas salas turanginas, de onde pendiam, dos travejamentos lustrosos, caldeirões de metal polido, caçarolas, escumadeiras, pipas e barrilotes, ca-

pazes de aguçar, nas entranhas mais recalcitran-
tes, um diabolico appetite.

O espirito subtil de Panurge ardia já nos
garrafões pançudos, de onde escorria o vinho
ligeiro dos lagares da Touraine. Vinho vermelho,
que luzia nos copos de vidro grosso, que picava
de pequeninas chammas alegres as papillas do
cliente sequioso.

Antes dos dez annos completos, Rabelais
sabia desse vinho e dos presuntos carregados
de sal, das acidas conservas da Italia, do ardente
môlho da Mancha, das acres mostardas, dos
peixes oleosos, dos cozidos, das sôrdas e dos le-
gumes aromaticos. Antes dos dez annos, Rabelais
podia adivinhar as indigestões de Gargamelle,
nos repastos de vinte pratos lambidos e vinte
gargalos desarrolhados, com que seu pai refres-
cava o estomago dos freguezes, na mesa de
cem logares da hospedaria da *Lampreia*.

**O ENORME E O DESMEDIDO
MEDIEVAL**

RABELAIS viu, assim, o enorme e o desmedido medieval ao redor do seu berço, até onde subia, penetrando-lhe as narinas e misturando-se ao sabor do leite que lhe vertia o seio materno, o cheiro das gallinhas e dos patos, assados, com rythmo grave e religioso, por ageis e irrequietos vira-espetos.

Todo esse passado formidavel de regabofes e gulozeimas, de condimentos e victualhas, de banquetes senhoris, onde se devoravam bezerros e bois inteiros; onde centenas de faizões e pavões trufados, com as plumagens intactas, eram distribuidos em salvas de ouro

pelos commensaes; de onde saltavam, subitamente, do meio das tortas armoriadas, faunos e hamadryadas, fadas e kobolds; todo esse longo passado que, dos jogos da Illiada aos Romances da Tavola Redonda, animou a vida medieval, vinha prolongar-se ainda em volta de Rabelais.

Referem as chronicas do tempo essas kermesses planturosas, essas bodas de Camacho, nas quaes, como no casamento de Philippe o Bom, leões e veados de granito jorravam, das guelas escancaradas, por oito dias a fio, o vinho do Rheno e o vinho de Beaune. Era a epoca de todas as tolerancias, em que prelados notaveis, do valor de Jacques de Croy, Arcebispo de Cambrai, officiavam acolytados por seus trinta e seis bastardos e filhos de bastardos.

... “C’était grand’pitié, ralha um contemporaneo, que le péché de luxure qui régnait moult

et fort, et especial ès princes et gens mariés.” O barbaro de Bruges, da Lorena ou da Champa-
nha se comprazia em imitar os galantes e deli-
cados “triumphos”, de Lourenço o Magnifico.
A magia latina destemperava-se nos extremos
da brutalidade germanica.

Nada mais semelhante a uma pagina de
Rabelais que o testemunho authenticico de um
chronista do seculo xiv ou xv. Nada mais
parecido com um brodio rumoroso de Garga-
melle que um festim do Duque de Clèves, do
Conde d’Etampes ou do Duque de Borgonha,
na deslumbrada narrativa de um Olivier de la
Marche.

Aferrado ao seu torrão, alongado da exis-
tencia faustosa da côrte dos Valois, que trou-
xera para a França, nos cofres da rainha Catha-
rina, os requintes de Florença, Rabelais seguia,
naturalmente, os pendores da nobreza e da bur-

guesia campesina. Ninguem poderia explicar o sabor da sua linguagem, tão cheia de invenções, sem estudar o meio em que se nutriu a sua imaginação. A exemplo daquelles senhores, de que fala o embaixador veneziano Giovanni Soranzo, elle preferia as estalagens do seu rincão aos castellos citadinos.

Gargantua é um symbolo dessa preferencia. Seus antepassados remontam aos proprietarios dos immensos latifundios da Gallia Romana. Gargantua descende, pelo gosto das cousas sobrenaturaes, da nobreza rural do seculo iv. Elle estaria á vontade numa daquellas *villas* que Paulino de Pella, nos versos do *Eucharisticon*, louva com tanta abundancia cordial. Senhores, clientes e famulos, refere o poeta, vivem á larga. Nas salas de refeição accumulam-se moveis custosos. Toda a baixella é de prata massiça, e as sedas, gorgorões e damascos das man-

tearias são importados do Oriente, em longas jornadas de terra e mar. As mesas são de madeira de lei e as cadeiras, de respaldo alto e lavrado, têm um tal peso, que só as levantam dous escravos do Danubio, domadores de ursos. Coude-larias bem guarneçadas de exemplares perfeitos, estabulos apetrechados das melhores raças, vinhas, macieiras e oliveiras, parques e bosques povoados de animaes raros rodeiam as largas casas de moradia.

Conversar á solta, regalar-se com iguarias e licôres concentrados, caçar, vadear rios caudalosos, montar em cavallos de brio, praticar a vida sem o auxilio impertinente dos autores e sem o pedantismo inutil dos in-folios somniferos, dos pergaminhos irritantes, eis a sabia lição que os gentis homens gallo-romanos herdaram ao seu derradeiro neto, Gargantua-Rabelais, *Rabeloesus Chinonensis*.

Dessa gente que, á laia de Symmaco, discutia com os amigos, em copiosas cartas, a genealogia dos seus cães, as manhas das suas montarias, dessa gente, que apparece nos mosaicos de Lillebone perseguindo javalis, lobos e raposas, provieram os heroes rabelaisianos. Emquanto os doutores deblateram como gralhas sobre as virtudes theologaes, a familia rabelaisiana procura argumentos especiosos para justificar os seus vicios. com a tranquilla doçura de quem está de passagens compradas para o Paraiso. Gargamelle e Grandgousier, sentindo as almas garantidas, querem saber o que nasceu primeiro: se a sêde ou a bebida.

“Qui fut premier, soif ou beuverie ?

— Soif, car qui eust beu sans soif durant le temps d’innocence ?

— Beuverie, car *privatio proesupponit habitum*. Je suis clerc : *Fœcundi calices quem non fecere disertum ?*

— Nous aultres innocens ne beuvons que trop sans soif. — Non moy, pecheur, sans soif; et, si non presente, pour le moins future, la prevenant comme entendez. Je boy pour la soif advenir. Je boy eternellement. Ce m'est eternité de beuverie, et beuverie d'eternité. Chantons, beuvons; un motet entonnon.

— Beuvez toujours, vous ne mourrez jamais. Nos pères beurent bien et vuiderent les potz. Le grand Dieu fit les planètes, et nous faisons les platz netz. L'appetit vient en mangeant, disoit Angeston; mais la soif s'en va en beuvant.

— Remède contre la soif? Il est contraire à celui qui est contre morsure de chien: courez toujours après le chien, jamais ne vous mordra; beuvez tousjours avant la soif, et jamais ne vous adviendra. ”

A LINGUA DE RABELAIS

RABELAIS nasceu justamente na ocasião em que, na França, se chocavam as duas correntes geradoras do Renascimento.

O realismo gothico e o idealismo das civilizações mediterraneas. O genio de Rabelais fundiu esses dous elementos, rindo-se das asperezas de um e dos refinamentos pretensiosos do outro.

Gargantua é todo o realismo gothico.

Sua lingua brava e desregrada mergulhava na onda espessa da plebe, como o banco de coral nas aguas oleosas do oceano. Sua riqueza é uma saturação. Concertam-se nella as vozes dialectaes de todas as provincias francezas. E'

um verdadeiro instrumento de gigantes. Gargantua não é um homem apenas, é um cyclo humano. Quando elle fala, as palavras cáem como pedras que se empilham e se aprumam, systematicamente, com o rigor de uma ordem architectonica. A lingua de Gargantua só encontra paralelo na cathedral gothica.

O obreiro da Ilha-de-França ou de Chartres, de Reims ou Amiens lutava com tão grandes planos e tão numeroso material, que estava constrangido á contingencia da demasia. Era demasiado por excesso de observação. Desejando que o seu templo reflectisse o ambiente circumstante, nos minimos pormenores, queria reunir nelle tudo quanto lhe deparava a natureza.

Com o mesmo cuidado com que talhava o bloco para despertar nelle o anjo ou o monstro, para recurvar a ogiva, tornear a columna ou

abrir o portal, feria delicadamente os veios da pedra minúscula para dar relevo á folha da papoula agreste ou ao caracol dos campos. Examinae uma asa de cherubim ou a garra de uma chimera da Notre Dame de Paris. Contam-se as nervuras, os filamentos, as articulações mais tenues. Às vezes, por trás de uma cornija ou no encaixe de um capitel, no desvão mais obscuro da nave, repõta uma flôr de tão puro desenho, que só a mesma innocencia da paisagem poderia reproduzir.

A esse gothico realista, sobrio e severo, veio ajuntar-se, entretanto, no correr do seculo xv, um elemento de estranha fantasia. Rasgam-se as paredes mestras de rosaças multicores, abrem-se as torres em superpostas galerias aéreas, afinam-se os tectos em flechas agudas. Saltam das muralhas focinhos de gárgulas. E uma rendilha miuda, teimosa, perti-

naz corre dos embasamentos aos pináculos, dobra-se, adelgaça-se, alarga-se por toda a parte, fura e refura a cantaria de tal geito, que o edificio ruiria se lhe não accrescentassem os arcos dos contrafortes.

A lingua de Gargantua é filha desse gothico flamejante. E' medieval nas suas linhas essenciaes, mas pertence ao Renascimento pelo seu nervosismo feminino. Grande passeador, Rabelais não se limitou ás suas viagens pelo reino de *Dame Entéléchie*. Suas sandalias de frade bem nutrido pisaram o pó dos quatro cantos da França. Elle bebeu na fonte a lição pura das principaes linguagens dialectaes. Tolosa e Montpellier ensinaram-lhe as doçuras da lingua d'oc. Na sua Touraine, no Anjou, no Poitou seus ouvidos se encheram dos asperos accentos normandos e burguinhões. E quando elle confiou Gargantua a Ponocrates, foi porque conhecia

os destemperos da verbocinação dos professores sorbonages, na Ilha-de-França.

A lingua de Gargantua é, ao mesmo tempo, a de um barão cruzado, quando se despeja em remoques de acampamento, em invectivas de mesnadas ou em gritos de pilhagem; a de um burguez das communas, quando discute o preço das especiarias, a qualidade dos pannos de Arras ou de Lyon, as medidas em uso nos mercados, os varios systemas de enredar os compradores; a de um marinheiro, quando se mette em navegações aventurosas, naquellas complicadas navegações, que faziam Panurge e Frère Jean chorar por Chinon.

A lingua de Gargantua reflecte todos os episodios da historia occidental: o feudalismo, a igreja, a cavallaria, as grandes miserias e as grandes pestes, as corporações, a guerra das côrtes minusculas, dos condados, dos princi-

pados, das senhorias e das republicas. Commentando-lhe o acre, violento e original sabor, assegura Michelet que “la langue française apparut dans une grandeur qu’elle n’a jamais eue, ni avant ni après. On l’a dit justement: ce que Dante avait fait pour l’italien, Rabelais l’a fait pour notre langue.” Pode-se accrescentar, todavia, que o toscano da Divina Comedia é pobre, se o compararmos com o formidavel torvelinho de vozes que se escapa da obra rabelaisiana.

Rabelais não respeita a grammatica. Elle sabe que, segundo uma velha tradição, os grammaticos escrevem correctamente mal. Sua syntaxe é caprichosa como o “petit vin de la Beauce.” As regras sorbonolicas dansam-lhe na larga penna de pato. As orações perdem o sujeito, os complementos correm adeante dos verbos. Os barbarismos vão de par com as locuções

mais rigorosas e vernaculas. Nas suas paginas vemos uma lingua nascer. Padres, fradalhões, politicos, medicos, juizes, rabulas, soldados, camponezes, operarios, vagabundos, bebedos, ladrões, piratas, reis e principes, nobres e burguezes — é o povo que fala, que inventa expressões, cunha proverbios, intriga, bajula, rouba e se apostropha nas praças, feiras, betesgas, ruas e viellas do mundo tumultuario de Gargantua.

RABELAIS E A MULHER

ESSA riqueza excessiva de seiva popular, esse realismo imperioso, contribuíram, por vezes, para lhe enraizar no espirito certas idiosyncrasias invencíveis. Uma das heranças feudaes, combatida pelos troveiros da Provença, pelos poetas da côrte de Bolonha e pelo grupo florentino do “Dolce Stil Nuovo”, foi o terror da mulher.

Rabelais ainda era muito homem de sô-taina para desprezar o aviso do prégador: *mulier non est facta ad imaginem Dei*. Praticando, entre cama e mesa, os seus Evangelhos, Gargantua acreditava, por igual, que a mulher não

se fizera á semelhança de Deus. E, como Petrarca em suas cartas intimas, poderia repetir: "*Foemina verus est diabolus, hostis pacis, fons impatientiae, materia jurgiorum, qua caruisse tranquillitas certa est.*" A mulher é a encarnação do demonio, inimiga da paz, fonte de impaciencia, pomo de discordia, que rouba a tranquillidade da gente.

As mulheres de Rabelais, Gargamelle ou Badebec, são matronas de incommensuravel appetite. Suas mãos servem apenas para misturar temperos e espremer gorduras. Seus corpos se afundam em vestuarios de estamenha. As mulheres de Rabelais são comadres que anunciam as padeiras parisienses de 1789.

Depara-nos o capitulo xxxiv, do terceiro livro de Pantagruel duas anedoctas significativas dessa phobia feminina. Imitando os novellistas italianos, os Giovanni Fiorentino, os

Masuccio ou os Cornazzano, Rabelais faz Ponocrates narrar a seguinte historieta sobre a indiscreção das mulheres:

“J’ay ouy conter que le pape Jean xxii, passant un jour par Fonthevrault, fut requis de l’abbesse et des meres discrettes de leur conceder un indult moyennant lequel se peussent confesser les unes ès aultres, allegantes que femmes de religion ont quelques petites imperfections, lesquelles honte insupportable leur est deceler aux hommes confesseurs.

“Il n’y a rien, respondit le pape, que volontiers ne vous octroye, mais j’y voy un inconvenient: c’est que la confession doibt estre tenue secrete; vous aultres femmes à peine la celeriez.

“Tres bien, dirent elles, et plus que ne font les hommes.

“Au jour propre, le Pere saint leur bailla une boite en garde, dedans laquelle il avoit faict

mettre une petite linotte, les priant doucement qu'elles la serrassent en quelque lieu seur et secret; leurs promettant, en foy de pape, octroyer ce que portoit leur requeste, si elles la gardoit secreta: ce néantmoins leur faisant defense rigoureuse qu'elles n'eussent à l'ouvrir en façon quelconque, sus peine de censure ecclesiastique et d'excommunication eternelle.

La defense ne fut si tost faicte qu'elles grilloient en leurs entendemens d'ardeur de voir qu'estoit dedans, et leurs tardeoit que le pape ne fust ja hors la porte pour y vacquer. Le Père saint, après avoir donné sa benediction sur elles, se retira en son logis. Il n'estoit encores trois pas hors l'abbaye, quand les bonnes dames toutes à la foule accoururent pour ouvrir la boite defendue, et voir qu'estoit dedans.

Au lendemain, le pape les visita, en intention (ce leur sembloit) de leur depescher l'indult. Mais, avant entrer en propos, commanda qu'on luy apportast sa boite. Elle luy fui apportée; mais l'oizillet n'y estoit plus. Adonc leurs remontra que chose trop difficile leur seroit receler les confessions, veu que n'avoient si peu de temps tenu en secret la boite tant recommandée."

A outra diatribe de Rabelais, no mesmo capitulo, leva por titulo: Comedia moral do homem que desposou uma mulher muda. Aconteceu que o bom marido quiz que a mulher falasse. E ella falou, por artes do medico e do cirurgião, que lhe cortaram uma encyloglotte debaixo da lingua. Recuperada a palavra, porém, ella falou tanto e tanto que o marido volveu, num relampago, ao medico, em busca de um remedio que a fizesse calar. Embaraçado, respondeu-lhe o medico, mui gravemente, que,

no seu mester, conhecia varios remedios para fazer falar as mulheres, mas, para as fazer calar, não conhecia nem um. Contra a interminavel falação das mulheres, acrescentou mestre esculapio, só havia um remedio: a surdez eterna dos maridos..

**O SYMBOLISMO DE
RABELAIS**

As creaturas de Rebelais compartem desse bom senso, dessa vulgar sabedoria que explica o universo pela sensação, pelos movimentos sensoriaes. Gargantua, Pantagruel e Panurge representam a Somma do Realismo e do Lirismo Gothico. Esses gigantes que furtam os sinos das igrejas, que lapidam os campanarios, esses jumentos de Grandgousier que, para espantar os moscardos, põem abaixo, com as caudas, as arvores da Champanha, esses guerreiros que devoram os presuntos de quatrocentos porcos e grelham, na brasa de fogueiras monstruosas, trezentos bois e duzentos carneiros, são imagens

augmentadas dos nossos instinctos de rapina, geradas no fundo do inconsciente humano.

Amalgamam-se, nas creações de Rabelais, reminiscencias encontradas de todos os tempos e de todos os paizes. Velhos romances francezes, como *Les Grandes et estimables chroniques du grand et énorme géant Gargantua*, os pares de Carlos Magno, o Orlando Furioso, os *Quatre Filz Aymon*, o Lancelot du Lac, a fada Melusina, o *Morgante Maggiore*, todo esse povo de abstracções, todas essas imagens-forças do christianismo europeu serviram para o limo com que Rebelais plasmou as suas creaturas.

**A LIÇÃO DE GARGANTUA
E DE PANTAGRUEL**

O descompassado e o grotesco disfarçam, porém, a energia de um espirito que observa os homens com exactidão e prudencia.

Despojae Panurge dos seus trajes de fantasia, retira-o, por um momento, das suas “Maccarronadas”, das suas “Sotties”, e tereis um philosopho, capaz de conversar com Montaigne ou Erasmo, capaz de ensinar a um e a outro as muitas cousas que elles deixaram de vêr no mundo, para apreciar no espelho embaciado dos livros.

Alliando a uma clara consciencia da realidade, a um permanente proposito pratico

a dialectica subtil do idealismo geometrico dos gregos, Rabelais sorriu dos dogmas, viessem de onde viessem, das sacristias solertes ou das Universidades jactanciosas. Sua campanha contra os Mestres Sophistas, os sorbonicolos, os escolasticos do *Trivium* e do *Quadrivium*, suas investidas contra o formalismo nominalista, que transformara a metaphysica de Aristoteles ou de São Thomaz num jogo mecanico de syllogismos especiosos, representam o que ha de mais caracteristico e profundo no genio francez.

Combatendo o theorismo inutil, de que troçou admiravelmente naquelle Reino da En-telechia, região do puro conceito, da forma sem substancia, Rabelais dominou e ultrapassou a cultura da sua epoca. Se exceptuarmos o autor dos *Ensaïos*, nem um dos escriptores do seu seculo se approxima sequer da sua grandeza.

Quando os poetas da Pleiade aconselhavam a idolatria greco-romana, elle movia guerra aos modelos. Sua theoria da educação, baseada no desenvolvimento da personalidade, no contacto permanente com a vida, e jámais na imitação passiva de mestres esgotados, tem ainda hoje o vigor das invenções opportunas.

**RABELAIS E O ESPIRITO
MODERNO**

RABELAIS annuncia o *Emilio*, de Rousseau, na educação que deu ao seu Gargantua.

Vida de ar livre, de musculos sadios, vida que se harmonize com o meio ambiente, eis a que elle reservou para o seu discipulo. Gargantua é alegre, esportivo, imaginoso, como um joven futurista do seculo xx.

Gargantua sabe usar da expressão directa, conhece a economia intima dos vocabulos e, se, ás vezes, não os poupa, é só pelo prazer de esbanjar, de furtar á plethora da arteria um sangue generoso e sempre renovado. Gargantua lança o dardo, monta a cavallo, escala

montanhas, nada em todas as posições “*en profonde eau, à l'endroit, à l'envers, de costé, de tout le corps, de seulz pieds, une main en l'air, en laquelle tenant un livre transpassoit toute la rivière de Seine sans icelluy mouiller, comme faisoit Jules Cesar.*” E é assim, o corpo escorrendo agua, na disciplina dos seus exercicios violentos, que elle cita os classicos.

Esse amor á realidade, esse pragmatismo intellectual, contrastando com a rhetorica dos Du Bellay e dos Ronsard, esse penetrante senso da realidade immediata collocam Gargantua e Pantagruel acima de todos os seus contemporaneos. Elles não estudaram apenas para saber, mas para converter o conhecimento nos frutos da experiencia.

Montaigne encontra-se, nesse passo, com Rabelais, quando pondera: “*Ce n'est pas une âme, ce n'est pas un corps qu'on dresse, c'est*

un homme, il ne faut pas faire à deux.
Je trouve ces ergotistes plus tristement encore
inutiles. Nostre enfant est bien plus pressé
il ne doit au pedagogisme que les premiers
quinze ou seize ans de sa vie: le demeurant
est deu à l'action. Employons un temps si
court aux instructions nécessaires. ”

O livro de cabeceira de Pantagruel era,
principalmente, “ce grand monde. le miroir
où il nous faut regarder, pour nous coignoistre
de bon biais.” Liberta dos “labyrinthos esco-
lasticos,” segundo a formula feliz de Sainte-
Beuve, a juventude pantagruelina foi, na es-
sencia, dominadora. Dominadora dos terrores
universitarios, dos methodos vasio, das baga-
telas sonoras dos Raminagrobis e dos Janotus
de Bragmard, vestidos do “lyription theo-
logical.” Dominadora do sophisma academico, das
querelas grammaticaes, das infecções livrescas.

Vencer o pedantismo dos doutores com a graça de uma invenção inesgotavel, eis a sua grande e enthusiasmada lição. A theoria da educação, de Rabelais, é, pois, a mais bella arte de viver que homem jámais concebeu. Montaigne, Charron, os racionalistas de Port-Royal, Rousseau e os encyclopedistas, Fenelon e Bernardin de Saint-Pierre, Locke e os mestres inglezes, todos os grandes pedagogistas aprenderam na escola de Gargantua. E os mais generosos poetas modernos, os Goethe, os Byron, os Shelley, até os D'Annunzio, os Appolinaire ou os Marinetti, e os mais ardentes professores da nossa epoca de machinismo e energia, os Nietzsche, os James, os Chamberlain ou os Keyserling praticaram a sabedoria de Pantagruel.

Fausto e o Childe Harold foram beber na Grecia o mesmo vinho de Panurge. Shelley

nadava tão bem como Gargantua. E D'Annunzio, como Grandgousier, occupou cidades; Appolinaire venceu, no Marne, o germano, e Marinetti trouxe do cerco de Andrinopla, do Carso e do Piave a sua poesia de estrondos, de palavras que dansam e sarabandam, a exemplo daquelle .Rei e dos cincoenta barões irlandezes que, por desfastio, Gargantua metteu no seu dente furado

Creando o typo moderno do *chauffeur*, do machinista pratico, simples, do homem directo, cuja cultura se reduz a um residuo prodigioso de experiencia, Keyserling repetiu Pantagruel, que procurava em todas as cousas a “substantifique moelle.” Instituindo a moral da vontade, Nietzsche pantagruelizou. E o utilitarismo de James tem o mais agudo precursor em Panurge, para quem o universo era um jogo de theoremas praticos e immediatos.

**RABELAIS E O GENIO
FRANCEZ**

A obra de Rabelais é, assim, uma somma de bom senso e imaginação, de realismo e de lirismo. Ella é, simultaneamente, o fim de uma éra e o começo de um mundo novo. E' uma obra de fé. E, por isso, impõe-se aqui, outra vez, o simile da cathedral.

Para erguer aquellas torres de Chartres ou de Reims, para escavar aquelles vertiginosos poços, onde se lançavam cyclopicos alicerces, para aprumar contrafortes, columnas e paredões, para fundir sinos e talhar estatuas foi necessario que todos se dessem as mãos.

E todos se deram as mãos.

E todos romperam as montanhas, abate-ram as florestas, atulharam os pantanos, carregaram as pedras e revolveram a terra, confiantes de que sahiria daquelle milagre de força e paciencia, um milagre maior de recompensa e bemaventurança.

E o cavalleiro das Cruzadas baixou do seu cavallo e deixou a lança pela enxada rustica. E o prégador largou o sermão para animar o pedreiro. E o barão se misturou com o servo, o gentilhomen com o burguez.

E todas as castas, todas as idades, todos os preconceitos se mesclaram, porfiando, durante dezenas e centenas de annos, na empresa, onde os mais altos nomes se apagavam, onde tudo se humilhava e confundia, *ad majorem Dei gloria*. O portal que os avós começavam os netos vinham acabar. A' rosaça que o pai rasgava, corria o filho para a realçar com a clari-

dade jovial dos vitraes. Cada renda é o trabalho de uma geração. Cada nave é o labor secular de multiplas gerações. E, espanto maior, depois de feita, a obra parece que não foi feita, que não foi fabricada, que nasceu do proprio solo, onde assenta milagrosamente.

Para a obra de Rabelais concorreram todas as vozes gallo-románicas, temperaram-se todos os dialectos, todos os elementos vivos do meio que a fecundou. A luminosa frescura das paisagens, o claro rumor das granjas e das aldeias, do Rheno ao Mediterraneo, o brilho macio dos vinhos, o cheiro gostoso das hospedarias, á beira das estradas floridas da Provença, da Bretanha, da Borgonha, da Touraine, tudo isso, e, mais que isso tudo, a propria alma da França ella nos depara.

O riso de Rabelais nutre-se da tolerancia e da piedade. E' o riso de uma raça. De um povo

que inventou duas armas invencíveis: o heroísmo distraído da Pucella de Orleans e o ridículo numeroso de Gargantua, que corrige o entusiasmo e imprime á epopéa uma innocente castidade.

O riso de Rabelais não tem a perversidade florentina do Decameron, nem a elegância geometrica de Luciano, nem a mordacidade cruel de Swift. Não é um riso de homem de letras. E' o riso do homem. Do homem que vence a realidade pela disciplina da alegria.

“Allez, amys, en gayetté d'esprit.”

AOS 31 DE MAIO DE 1931, ACABOU-SE
A IMPRESSÃO DESTE LIVRO, COMPOS-
TO NAS OFFICINAS GRAPHICAS
VILLAS BOAS, RUA SETE
DE SETEMBRO, 219.
RIO DE JANEIRO

EDITORES
F. BRIGUIET & CIA. RUA S. JOSÉ, 38



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).